



Abraço transforma(dor)

Sibelli D'Agostini



Boa noite a todos. Não pretendo me estender para não me tornar enfadonho aos olhos das senhoras e dos senhores, mas para eu me fazer sentir, julgo que essas palavras são indispensáveis.

Eu tinha 6 anos de idade e me lembro bem que de um dia para o outro não pude mais ir à escola e minha mãe passou a ministrar suas aulas de casa. Não fomos apenas nós, o País, o mundo passou a viver numa tal de quarentena. E eu me lembro o nome da causa disso tudo: pandemia do coronavirus, que tirou a vida de mais de 600 mil pessoas somente no Brasil. Meu pai, que já não vivia conosco há tempo, foi uma delas, e minha mãe... minha amada e inesquecível mãe, também. Foram 23 dias de internação hospitalar, 23 intermináveis dias longe daquele amor. Minha tia Neocinda viera de Rancho Queimado ficar comigo naqueles momentos de dor; digo dor porque doía dentro mesmo, e eu rezava muito por ela, não a tirava da cabeça por um instante sequer, contanto as horas para tê-la de volta e junto com ela todo aquele afago gostoso que eu ganhava antes dormir. Lembro até da oração do Santo Anjo que ela sussurrava ao lado de minha cama segurando uma medalhinha do pescoço.

Dos dias amargos que se seguiram aos da partida dela, eu não gosto de lembrar, tampouco os meses que eu tive que morar com a tia Neocinda numa cidade também estranha para mim. Sou grato pela tentativa dela de me criar; ela era de pouco papo,



quase nada atenciosa e nada carinhosa, mas me alimentou com seu salário de pensionista. Coitada, todos os dias ela me mandava dormir cada vez mais cedo para eu não vê-la afundar nos tragos de cachaça e babar nas almofadas do sofá. Eu digo que ela tentou me criar, porque 8 meses depois, o coronavírus a encontrou e ela também se foi.

Depois disso, já de volta a Florianópolis, vivi 4 anos num lar acolhedor de menores órfãos, na Casa Lar Luz do Caminho e, na verdade, eu não tinha vontade de sair de lá, porque lá, desde o início, eu me sentia mais protegido do tal do vírus: não precisava sair para estudar, o distanciamento e o uso de máscaras eram obrigatórios, e o álcool 70%... ah, esse eu tinha no bolso sempre! Alguns colegas foram adotados, mas eu sentia arrepios quando a psicóloga e a assistente social me sondavam sobre as minhas expectativas a respeito e desviava os meus olhos quase sempre cabisbaixos dos delas e nunca as respondia nada. Sem contar que devo ter espantado uma meia dúzia de casais adotantes interessados em mim ao simular um comportamento rebelde e desrespeitoso, propositadamente, é claro. Eu preferia lidar com as viroses e bactérias da Casa Lar mesmo, pelo menos elas já eram minhas velhas conhecidas. E assim o tempo foi passando.

Até que no ano da minha 11ª primavera, em 2025, eu estava sentado num banco ao lado do campinho de futebol. Levei comigo a única foto que eu tinha ao lado de minha mãe e fiquei



ali descansando e imaginando a vida. De repente, eu vi que a assistente social se aproximava junto a um casal. Não consegui ver muito bem suas caras que eram ofuscadas pelo sol e eu nem fazia questão mesmo de olhá-las.

-- Tudo bem, Miguel? Descansando do almoço? Perguntou-me a assistente social.

-- Apenas sinalizei positivamente com a cabeça e voltando meus olhos para a foto em minhas mãos.

-- Quero te apresentar a Mariana e o Gil, eles...

No mesmo instante, o celular dele chamou muito alto, de tão alto que ele se assustou e o celular saltou como peixe de suas mãos e caiu no chão. A tal Mariana, acenando a cabeça em sinal de reprovação, mas com um sorriso amável nos lábios, falou:

-- Esse Gil, sempre atrapalhado!

E parecia atrapalhado mesmo, atrapalhado e engraçado, mas recolhi meu riso. Até que ele tinha um feitio de bons amigos.

Em seguida, a moça estendeu os braços pedindo para ver a foto que eu segurava, e eu, um pouco sem jeito, deixei que a pegasse. Um silêncio se seguiu até que ela me olhou, olhou para a foto novamente, e nitidamente se emocionou. Inexplicavelmente, minha vontade era a de secar suas lágrimas, mas me contive; ela parecia tão carente... Por que chorava? Com um olhar amparador,



ela me fitou e foi se abaixando; entregou-me a foto e, parecendo que leu meu pensamento, disse:

-- Eu conheço a tua dor. Eu tinha um anjo como você que não está mais aqui.

Aquelas palavras me soaram como um preenchimento, senti que elas me tocaram por dentro de uma forma amorosa, algo que eu já não sentia mais.

Quando deixei meus olhos encontrar os dela, o sol fez refletir o pingente do seu colar, o que me desviou a atenção para ele por um momento; um pingente idêntico ao que minha mãe usava; um pouco maior talvez, mas com o mesmo desenho de Nossa Senhora. Minha emoção escapuliu e comecei a chorar ao mesmo tempo em que ela me ofereceu um abraço e eu o aceitei; sim, nos abraçamos intensamente... e para sempre.

Deixo aqui, então, a minha homenagem aos pais aos melhores pais que a vida podia me dar; pais que acolhem fraternalmente, que incentivam incansavelmente, que compreendem diariamente, que amam incondicionalmente... amam muito! A vocês, colegas formandos de 2037.1 do Curso de Medicina, eu digo: estejam sempre juntos de seus pais, o tempo que puderem estar; será, com certeza, o melhor e mais bem aproveitado tempo de suas vidas.

Muito obrigado.